

O PASSADO E O FUTURO DA MINERAÇÃO EM OURO-PRETO

Luciano Jacques de Moraes

O passado da mineração em Ouro-Preto é, em grande parte, a história mesma de Minas Gerais, em cuja vida essa cidade representa a célula inicial, que depois se desenvolveu e multiplicou para derramar-se sobre todo o território da então capitania do ouro e dos diamantes!

A localização de Ouro-Preto e o seu desenvolvimento foram obra exclusiva do ouro como já observou Saint Hilaire.

Verificado o primeiro achado do metal precioso, no Tripuí, em 1696, conforme Calógeras, começou, no ano seguinte, o *rush* de aventureiros para as minas de Vila-Rica, avolumando-se nos anos consecutivos. Em 1697, o padre João de Faria já lavrava as areias e cascalhos que descobrira no regato ainda hoje designado pelo seu nome; e Antônio Dias de Oliveira também o fazia nas margens do córrego atualmente denominado Antônio Dias.

Feitas as descobertas, a fôrça de atração do ouro ocasionou o povoamento do território de Minas Gerais. Grandes massas de gente afluíam de S. Paulo, Rio de Janeiro Pernambuco, Bahia e Europa para lavar os terrenos dos arredores de Ouro-Preto e de Sabará.

Lavradas as formações auríferas de meneio mais fácil, de aluvião e encostas, passaram os antigos mineradores aos trabalhos subterrâneos.

Os processos usados antigamente na lavra das jazidas auríferas e no tratamento dos minérios só permitiam o aproveitamento do ouro mais fácil de extrair e, uma vez êste esgotado, tornando-se necessário o emprêgo de métodos mais aperfeiçoados, começou a decadência das minas.

A falta de espírito associativo muito contribuiu para essa decadência, sendo cada lavra de propriedade individual e trabalhada por seu dono. Também à legislação inadequada cabe uma importante parte na falência da indústria extrativa do ouro, até há bem pouco tempo.

Cansados de violências e desanimados pelas dificuldades de exploração, os mineiros se viram, pouco a pouco, obrigados a abandonar suas lavras.

Foi, pois, a mineração que povoou Minas e, mais tarde, pelo empobrecimento das lavras ou dificuldade de trabalhá-las, os mineiros tornaram-se agricultores e espalharam-se por todo o território daquela província e pelo das províncias vizinhas, à procura de terras mais férteis. O mesmo fenômeno ocorreu no século passado, na Califórnia por ocasião do *rush* do ouro, região que depois se tornou mais rica por sua agricultura do que pela produção do metal precioso. Ainda hoje, em certas regiões do nosso país, como em Goiás, a fascinação dos garimpos diamantíferos faz convergirem para essas paragens baianos, mineiros, maranhenses e filhos de outros Estados, grande número dos quais se tornarão agricultores.

Começou, assim, a operar-se o despovoamento dos distritos mineiros, em benefício das zonas agrícolas. Em meados do século XVIII, Vila-Rica chegou a ter uma população de 80.000 almas.

Em 1694, Matias Cardoso, após suas arrojadas expedições à procura das minas de pedras preciosas, vai fundar fazendas de gado nos sertões do S. Francisco. O mesmo fez o seu companheiro Antônio Gonçalves Filgueiras que, depois de descobrir os sertões do rio Pardo e do rio Verde, montou engenhos e várias fazendas, dentre as quais uma que deu origem à atual cidade de Montes Claros, e abriu estradas da Bahia ao Rio das Velhas.

No século XVIII, o Brasil era o país que mais ouro produzia no mundo e quasi que manteve o seu monopólio. A quasi totalidade dêsse ouro vinha de Minas e uma boa parte de Vila-Rica. De 2.750 kg, em 1701, as minas brasileiras passaram a produzir 8.850 kg entre 1721 e 1740 e 14.600 kg no intervalo que vai de 1741 a 1760, de acôrdo com De Launay. A produção total de ouro do Brasil até 1835, conforme Guérin, elevou-se a 1.555.000 kg.

Quando os serviços de mineração se achavam em plena prosperidade em Minas, por volta de 1750, o número de pessoas empregadas em mineração orçava em mais de 80.000, e em 1820 essa quantidade havia sido reduzida a 6.000 pessoas.

Tomando por base o quinto, Eschwege avaliou em 5.850 kg a produção de ouro em Minas, em 1750.

Em 1759, o quinto excedeu a 116 arrobas e se conservou em cêrca de 100 arrobas até 1766, correspondendo, assim, a uma produção de 8.500 a 7.500 kg de ouro.

Foi entre 1755 e 1766 que a indústria extrativa do ouro gosou da maior prosperidade em Minas.

Nos anos de 1935 e 1936, a produção de ouro naquele Estado, incluindo o das minas e o obtido pelos fiscadores, vai respectivamente de 5.500 a 6.000 kg.

Para avaliar a importância da mineração em Ouro-Preto, não é preciso, porém, recorrer à história. O melhor testemunho é ostentado pelas encostas escalavradas, pela enorme quantidade dos mundões, regos e reservatórios de água e pelas inúmeras excavações a céu aberto e centenas de galerias cruzando-se em várias direções e das quais constituem um exemplo estupendo as afamadas minas dos Tassaras. Também o grau da atividade nessas lavras é patenteado pelas ruínas de aglomerados de habitações e outras edificações, de que temos exemplos no célebre Morro da Queimada, no Taquaral e outros pontos.

O quadro mais pujante, porém, do desenvolvimento da mineração em Ouro-Preto e da sua passada grandeza é exibido aos olhos extasiados dos recém-vindos a essa cidade pelos monumentos de arte colonial e históricos ali existentes. São os templos com as obras imperecíveis do genial Aleijadinho, os lindos chafarizes de pedra, a casa dos Contos, onde ainda paira o ambiente de mistério; é a casa de Marília, teatro onde foi representado o drama de amor sem ventura de Gonzaga e que ainda conserva o aroma desse passado tão poético. . .

Nos tempos coloniais, Ouro Preto foi uma escola de mineração, continuada nos tempos atuais através da Escola de Minas. A diferença é que antigamente tudo era empirismo, oriundo apenas da experiência; hoje é o resultado da aplicação de métodos científicos, aliando a ciência à prática. Outrora, dali saíram mineiros que foram trabalhar em outras regiões de Minas e do Brasil. Hoje, filhos da Escola de Minas, que ali passaram mais de um lustro, encontram-se espelhados pelo país afóra, desenvolvendo suas atividades em vários setores da engenharia e na direção de muitas empresas e serviços públicos. O Departamento Nacional da Produção Mineral é quasi inteiramente constituído por engenheiros que, naquela cidade, beberam os seus primeiros conhecimentos técnicos.

Os progressos experimentados pelos métodos de mineração e pelos de tratamento metalúrgico dos minérios permitem, hoje, o aproveitamento das jazidas auríferas de baixo teor, dantes dificilmente trabalháveis. Também, o alto preço do ouro, nos últimos anos, tem uma incalculável influência a esse respeito. É o que se observa em toda a parte, principalmente nos países que se colocam na vanguarda dos produtores desse metal, como a África do Sul, Rússia, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Rodésia e Japão.

Conhecimento do teor das jazidas, das reservas existentes, das condições de exploração e dos métodos de tratamento adequados para os

minérios são os principais fatores para a lavra das minas de ouro. É o que vem fazendo o Departamento Nacional da Produção Mineral, em Minas Gerais e noutros pontos do Brasil.

A Divisão de Fomento da Produção Mineral elaborou um plano de estudos das jazidas minerais do Centro de Minas, em 1933, dentre as quais figuravam as de Ouro Preto. Esse serviço, então a cargo do engenheiro Fernando Lacourt, iniciou-se com um reconhecimento geológico estrutural da área da falha de Ouro Preto, da carta geográfica de Minas, a fim de ter uma base para um plano seguro de pesquisas das jazidas minerais, especialmente de ouro. Foram estudadas, assim, as jazidas dos arredores daquela cidade, onde foram visitadas centenas de galerias antigas.

As amostras dos minérios e rochas colhidas nessas minas foram submetidas a estudos petrológicos e calcográficos, com o objetivo de facilitar a interpretação genética das zonas mineralizadas e fornecer uma primeira orientação para os serviços de lavra e tratamento dos minérios.

Os minérios extraídos dessas minas foram tratados experimentalmente a fim de se determinar o teor em ouro e prata dos mesmos e se obterem os dados sobre amalgamação, cianetação e flutuação.

Os elementos assim obtidos servem para orientar os interessados em empregar capitais na indústria de mineração.

Dêste modo, vem se rehabilitando essa indústria, que está reservada a tornar a desfrutar o prestígio que já gosou na vida econômica do país.

Trabalharam os antigos, com grande intensidade, nas encostas sul da Serra de Ouro Preto, no trecho que vai do Taquaral à Grotta da Canôa, numa extensão de 7 quilômetros de leste para oeste e área de 6 quilômetros quadrados. O número de antigas galerias aí encontradas excede a 350, com comprimento variável de 50 a 500 metros. Em certos casos, a área trabalhada em cada galeria alcança a 50.000 metros quadrados. Nos trabalhos a céu aberto, a área correspondente a cada lavra chega, às vezes, a 80.000 metros quadrados, para um volume de material removido de 2,5 milhões de metros cúbicos, como acontece nas lavras da Cata e do Veloso. No trecho supra mencionado, encontram-se numerosas lavras, dentre as quais apenas citaremos as seguintes: do Taquaral, Águas Férreas, Tassaras, Padre Faria, Morro da Queimada, Lages, Ouro Podre, Pelucia e Veloso.

Embora muito trabalhadas pelos antigos, essas lavras ainda encerram um pouco de minério, que avaliamos em 20 a 30% da reserva primitiva e talvez possa ser economicamente extraído e tratado, visto como a sua prospecção está em grande parte feita e a mineração será sobremodo facilitada pelos trabalhos subterrâneos existentes.

Estas jazidas e muitas outras da zona de Ouro Preto e dos municípios vizinhos foram estudadas pela Divisão de Fomento da Produção Mineral. Os resultados de tais estudos serão de grande incremento para o desenvolvimento da indústria mineral naquela região.

Além das jazidas de ouro, encontram-se nos arredores daquela cidade, importantes depósitos de pirita, de minérios de ferro, manganês, alumínio e bário.

São enormes as reservas de minério de ferro existentes no Morro do Cruzeiro, Serra de Ouro Preto, Serra de Antônio Pereira e Morro de Santana, em Burnier e na fazenda do Timbopeba, muitas das quais se acham à margem ou próximas do leito da estrada de ferro.

Os minérios de manganês se encontram, em abundância, na zona de Burnier, no Capão da Lana, no Morro do Gabriel, em Rodeio, Botafogo e Três Cruzes, quilômetros 499 e 508 do ramal de Ouro Preto, da E. F. C. B., e nas imediações dessa cidade, como sejam os do Morro do Cruzeiro e Gambá, do Tombadouro, Saramenha, Manso e de Maria Soares. Além desses, há outros depósitos na região em Antônio Pereira, Timbopeba e Areião.

Existem vários depósitos de bauxita nos arredores de Ouro Preto, dentre os quais se destaca o do Morro do Cruzeiro, em exploração pela Companhia Eléctro-Química Brasileira, que utiliza o minério na usina do Saramenha. Outros depósitos ocorrem nas fazendas do Tesoureiro, do Manso, do Gama, em Hargreaves e no Bahú, lugar êste situado perto de Antônio Pereira.

Na região de Ouro Preto, encontram-se diversos depósitos de baritina, dos quais se conhecem os seguintes: Chacrinha, Chácara do Cintra e Bom Jesus, no lado leste da cidade; Igreja Velha e Timbopeba, na zona de Antônio Pereira.

A jazida de pirita do Gambá vinha sendo explorada por três organizações industriais diferentes, hoje encampadas pelo Govêrno, cujos benefícios para aquela terra são bem visíveis.

Há talco nos arredores da estação de Crockatt de Sá, onde se faz exploração dêste minério não metálico. Conhecem-se, aí, os depósitos de Pedro Vicente, Pedro Alcântara e há vagas notícias de outros. Também existe talco em Bandeirantes, em Sumidouro de Mariana, São Caetano, Santa Rita, Itatiáia, Rodrigo Silva e Cachoeira do Campo.

Ocorrências de amianto são mencionadas nas zonas de Timbopeba, Taquaral, Sumidouro, Fragoso, Hargreaves e Crockatt de Sá, mas até o presente tôdas elas se mostraram destituídas de valor econômico.

Importantes jazidas de calcáreo existem na região de Ouro Preto, algumas das quais se encontram em exploração. Há pedreiras deste material em Burnier, Usina Wigg, Cachoeira do Campo, Botafogo, Fazenda da Caieira, Ojó e Chacrinha, Chácara do Cintra e Bom Jesus, Igreja Velha e Timbopeba. Tem-se extraído mármore das pedreiras de Cachoeira do Campo e Ojó, e em Caieira existe uma fábrica de cal. Em Timbopeba, também, já se fabricou este produto. Da jazida de Botafogo é enviado calcáreo dolomítico para a usina Siderúrgica Belgo Mineira, em Sabará, material que também se extrai nas vizinhanças de Rodrigo Silva para ser remetido para o Rio de Janeiro.

São afamados os topázios de Rodrigo Silva, cuja jazida se acha mais ou menos em abandono, há bastante tempo, lavrada apenas por garimpeiros.

O aparecimento do cinábrio em Três Cruzes, próximo a Tripuí, é conhecido desde longa data, porém até o presente momento parece que tal ocorrência é destituída de valor industrial. Também em Dom Bosco se encontrou esse minério de mercúrio, mas o depósito é de pequena capacidade.

As ocras, com largo emprêgo na fabricação de tintas, há mais de vinte anos que têm os seus depósitos conhecidos e explorados nas redondezas de Ouro Preto, donde se faz exportação do produto para o Rio de Janeiro, S. Paulo e Argentina.

Tratando de recursos minerais, não devemos esquecer as águas subterrâneas drenadas das velhas minas e que abastecem aquela cidade. Os trabalhos de prospecção realizados pela Divisão de Fomento da Produção Mineral mostraram que a sua captação pode ser melhorada, com considerável aumento da vazão.

Um assunto que também não pode ser descurado é o da prevenção de acidentes e as medidas higiênicas para impedirem o desenvolvimento de doenças comuns nas minas, especialmente a silicose, motivada por excesso de poeira na atmosfera das frentes de trabalho.

Há uma relação íntima entre o aproveitamento das jazidas minerais e as vias de transporte. Como é notório, a falta de transportes muito tem dificultado o desenvolvimento da mineração entre nós, principalmente na época atual, com a enorme procura dos metais básicos e minerais industriais. Hoje, são necessários maquinismos pesados, como sondas, dragas, moinhos, bombas, compressores, motores, etc., além de estruturas diversas para as construções subterrâneas e superficiais.

Reconhecendo o elevado valor histórico e artístico daquela cidade, o Governo Federal transformou-a em monumento nacional a fim de proteger

o patrimônio ali existente e preservar o seu aspecto colonial para que não se transfigure sob a influência do modernismo.

Para completar essa obra, o Govêrno devia crear um parque nacional abrangendo o pico do Itacolomí e os terrenos por detraz dêste até o rio Gualaxo do Sul, onde ainda se encontram matas povoadas por avultado número de especimens de nossa fauna. Outros exemplares desta, que já se vão tornando raros, podiam ser ali colocados. E dentro de algum tempo, ter-se-ia no Centro de Minas Gerais, em zona salubre, servida por estradas de ferro e de rodagem, um lugar onde os turistas e mesmo a nossa gente poderiam fâcilmente estar em contacto com o meio brasileiro, tal qual o conheceram os nossos avós.

Além dêsse aspecto da questão, haveria o interêsse geológico despertado pela vista do majestoso Itacolomí e das formações geológicas que constituem aquela região e seus arredores, o que seria de grande alcance para os estudiosos, tanto nacionais como estrangeiros.

Êste plano seria completado por uma boa estrada de rodagem para o Itacolomí e de acesso ao parque.

Dêste modo, dotada de boas estradas, hotéis confortáveis, oferecendo motivos de real interêsse que pudessem atrair os visitantes de fora por meio de inteligente propaganda, Ouro Preto poderia tornar-se um grande centro de turismo, de que muito haveriam de lucrar a cidade e o Estado de Minas Gerais.

Hoje, os parques nacionais são objeto de especial carinho em vários países, por exemplo, nos Estados Unidos, África do Sul e Japão.

Êsses parques são, aí, uma espécie de museus vivos que conservam para as gerações futuras um pouco do aspecto primitivo das regiões naturais do país, anterior à ação devastadora do homem civilizado.

Sem a creação de semelhantes parques em alguns pontos do território nacional, é fora de dúvida que dentro de algumas décadas passarão para o domínio histórico os mais interessantes aspectos de nossa fauna e flora, destruídas pelo fogo, pelas derrubadas e pelas caçadas.

Ouro Preto aí está, página viva e colorida do Brasil de ontem e que urge seja preservada, religiosamente, para gáudio e glória dos brasileiros de amanhã.

A creação, ali, de um parque nacional, é tarefa que se impõe e dos governos reclama acurada e decisiva atenção.